A ALTERIDADE COMO MEDIAÇÃO IRRECUSÁVEL
UMA LEITURA DE PAUL RICOEUR

Fernanda Henriques
Universidade de Évora

Em homenagem a Paul Ricoeur, reconhecendo-o como cidadão comprometido com o bem comum e com a paz possível.

Paul Ricoeur é, desde o início da sua vida de intelectual, de filósofo e de professor, um cidadão comprometido[i]. Comprometido com a paz, com a democracia e com a justiça, podendo a sua obra ser lida como a tentativa de fazer valer a palavra contra a violência, por ressaltar o poder da argumentação e do confronto racional contra qualquer tipo de afirmação unilateral da verdade.

Ricoeur assume a sua pertença ao reino da palavra e da argumentação de um modo comovente em *Histoire et Vérité*, de 1955, quando afirma:

> "A palavra é o meu reino e não tenho vergonha disso; (...). Como universitário, creio na eficácia da palavra que ensina; como professor de história da filosofia, creio no poder esclarecedor, mesmo para uma política, de uma palavra consagrada a elaborar a nossa memória filosófica; como membro da equipa *Esprit*, creio na eficácia da palavra que retoma, reflexivamente, os temas geradores de uma civilização em marcha; como ouvinte da pregação cristã, creio que a palavra pode mudar o 'coração' (...)"[ii]

Por esta razão, Paul Ricoeur é um pensador da *via longa*, do *conflito interpretativo* e da *promessa*, conceitos que representam, cada um à sua maneira, formas de reconhecimento e de abertura ao outro, na sua diferença e na sua especificidade própria.

É, também, por isso, um pensador trágico, por saber que a historicidade inerente à vida é incompatível com processos acabados e respostas finais.

No trabalho de leitura interpretativa de Paul Ricoeur que me proponho desenvolver sob o título ***A alteridade como mediação irrecusável***, procurarei mostrar de que modo a alteridade pode ser uma chave hermenêutica para compreender o seu modo de pensar e a sua produção textual, dando corpo à afirmação de que embora estejamos condenados ao reino da palavra, enquanto humanos, essa condenação não representa um castigo, mas sim um privilégio - o privilégio de podermos constituir um falar comum.

Definição da questão e da amplitude da análise

A questão da alteridade, seja sob a forma de dimensão ontológica, enquanto um dos grandes géneros, à maneira de Platão, no quadro da oposição identidade-diferença, seja na sua dimensão ético-antropológica, no quadro da oposição eu-outro, é uma velha questão filosófica, acerca da qual a respectiva literatura é tão abundante quanto polémica.

Por outro lado, o próprio Paul Ricoeur se confronta tematicamente com a questão da alteridade, nomeadamente, em diálogo com Heidegger e Levinas[iii].

Nesta perspectiva, propor uma leitura de Paul Ricoeur a partir do papel nele desempenhado pelo tema da alteridade, obriga a clarificar o que está semanticamente em causa no conceito de alteridade que vou apresentar.

Não pretendo com esta leitura entrar no referido velho debate filosófico da alteridade, nem tão-pouco debruçar-me sobre a análise específica da questão, em si mesma, tal como Paul Ricoeur a constitui[iv]. Todavia, o conteúdo semântico do conceito de alteridade com que vou operar, resulta, não só da minha própria absorção teórica do debate filosófico sobre a questão, como também do sentido que Ricoeur lhe atribui.

Deste modo, salientaria como vectores semânticos fundamentais do conceito de alteridade presentes neste trabalho, a sua *estrutura polarizada,* por um lado, e, por outro, a sua dimensão de *abertura*.

Ser a alteridade uma estrutura polarizada significa que a sua caracterização supõe a referência ao seu contrário, ou seja, supõe que a alteridade é um termo cuja semântica se alimenta

de uma relação, que, no caso, é uma relação antinómica, a saber, a relação entre o mesmo e o outro. A questão da alteridade convoca, por isso, a força da própria dinâmica da dialéctica para o interior do processo de pensar, introduzindo nele uma estrutura inquietante, de confrontos e de determinações recíprocas.

O título de uma das obras de Paul Ricoeur é particularmente ilustrativo desta dimensão polarizada da alteridade: *Soi-même comme un autre*. A propósito do que está em jogo em tal título, Ricoeur faz o seguinte esclarecimento:

> "*Soi-même comme un autre* sugere, imediatamente, que a ipseidade do si-mesmo implica a alteridade num grau tão íntimo, que uma não se deixa pensar sem a outra, que, de preferência, uma passa na outra, como se diria em linguagem hegeliana. Ao "como" queríamos ligar a significação forte, não apenas de uma comparação - o si-mesmo como sendo semelhante à alteridade-, mas mais de uma implicação: o si-mesmo enquanto ... outro."[v]

Ou seja, o si-mesmo, que representa aqui a identidade mais própria, só é pensável a partir da alteridade, ou, melhor ainda, só é pensável como alteridade. Isto significa dizer que a identidade e a diferença se constituem como uma dupla inseparável e indiscernível.

Por seu lado, esta polaridade ou relação recíproca que o conceito de alteridade exprime aponta, ao mesmo tempo, para a ideia de abertura, ou, por outras palavras, para uma dinâmica de referências e de integrações. De facto, se pensar a alteridade equivale a querer tornar inteligíveis a transformação e a diferença, então a introdução de tal conceito como questão remete para um processo reflexivo que procura compreender a transitividade, a mudança e, por isso, tem de saber responder à emergência do novo em termos inclusivos e integradores.

É, pois, com estes dois traços - o da polaridade e o da inclusão ou abertura - que me acercarei da obra ricoeuriana, deixando ver como eles trabalham nos seus textos e nos seus temas, de tal modo que se pode pacificamente dizer que o mais próprio pensamento de Paul Ricoeur se enleia com diferentes alteridades textuais, sendo nesse enleamento, através de uma abertura interpretativa, que se constitui e afirma como próprio e pessoal; nessa medida, a sua hermenêutica pode ser lida como a protagonização da dialéctica entre o si-mesmo e o outro, ou entre a identidade e a diferença.

No quadro desta perspectiva, o presente trabalho interpretativo sobre o pensamento e a obra de Paul Ricoeur procurará evidenciar como é que a partir do conceito de alteridade nos podemos acercar da maneira segundo a qual, em Paul Ricoeur, o pensar se realiza e o saber se constitui.

A alteridade ao nível do pensar
A significação epistemológica do *Conflito de Interpretações*

O traço mais peculiar do pensamento hermenêutico de Ricoeur é, certamente, a ideia de *Conflito de Interpretações*, perspectiva que, por isso, faz a sua imagem de marca. No meu entender, a ideia de *Conflito de Interpretações* é a expressão mais acabada da presença e do papel da alteridade na prática filosófica ricoeuriana. Tentarei mostrá-lo através da resposta a três interrogações: *onde surge*, *como se desenvolve* e *que finalidade tem* o *Conflito de Interpretações* ?

Contexto de emergência do Conflito de Interpretações

Integrada no seu projecto filosófico, intitulado *Filosofia da Vontade*, Ricoeur publica, em 1960, uma das suas obras mais conhecidas: *La Symbolique du Mal*[vi]. Tal obra enfrentava-se com a questão do mal como escândalo e mistério inexpugnável, pela mediação da literatura de raiz religiosa, onde a humanidade foi deixando impressas as marcas da sua dor e da sua perplexidade perante a existência do mal. Assim, em *La Symbolique du Mal*, Ricoeur trata a questão do mal através do que designa por *confissão da culpa da consciência religiosa*, praticando um exercício hermenêutico que aceita como legítimo o sentido proposto por uma discursividade produzida no horizonte religioso e se deixa instruir por ela. Esta obra faz parte de um conjunto, intitulado *Finitude et Culpabilité*, e que Paul Ricoeur não chegou a completar[vii]. Deste modo, em vez de compor a continuação de La *Symbolique du Mal*, desenvolve, em seu lugar, um novo enfrentamento com a questão do mal, recorrendo a uma via oposta - a da hermenêutica da suspeita, protagonizada pelo pensamento de Freud - publicando, em 1965, uma obra cujo tema é a problemática da interpretação e que tem como subtítulo *Essai sur Freud*[viii]. É nesta publicação que Ricoeur elabora, de modo sistemático, a ideia de *Conflito de Interpretações*.

Assim, é no seio de uma das duas questões fulcrais do pensamento filosófico ricoeuriano - a questão do mal - que surge a figura epistemológica do *Conflito de Interpretações*, cuja emergência se dá, exactamente, no exercício de um confronto interpretativo entre posições antagónicas, na medida em que a sua tematização se faz no horizonte de compreensão da questão do mal através de dois percursos reciprocamente excluentes: o da consciência religiosa e o da psicanálise, vendo esta a religião apenas como mistificação e recalcamento.

Desenvolvimento do Conflito de Interpretações

O trabalho argumentativo-reflexivo que Paul Ricoeur desenvolve na sua obra sobre Freud, de 1965, é um exemplo paradigmático de como ele concebe o *Conflito de Interpretações* em termos de respeito pela posição oposta à sua e, portanto, de abertura ao outro, na sua irredutível diferença. São particularmente reveladoras da sua atitude as considerações que tece a respeito da psicanálise numa entrevista dada na Universidade de Munique, no semestre de inverno de 1986/1987:

> "A psicanálise encontrei-a como uma espécie de *Herausforderung* - de desafio. Nessa época, pensava que me poderia libertar dela em pouco tempo e descobri que era preciso ler tudo. Passei, assim, cinco ou seis anos com a leitura integral da obra de Freud, para re-situar o meu antigo problema da culpabilidade."[ix]

Para a compreensão do que está em jogo na figura epistemológica do *Conflito de Interpretações*, gostaria de ressaltar nesta citação quatro coisas:

1. em primeiro lugar, a ideia de *desafio*, que põe em relevo que para Ricoeur a posição antagónica à sua não é um obstáculo, nem um inimigo, mas antes um aguilhão para pensar de outra maneira.
2. em segundo lugar, o facto de que *o outro é para levar a sério*. Tal como a citação refere, Paul Ricoeur ocupou cerca de seis anos a estudar a obra de Freud. Trata-se, portanto, de uma atenção real ao outro.

3. em terceiro lugar, o reconhecimento que a abertura efectiva a outro modo de pensar *transforma* o nosso próprio pensamento. É assim que interpreto a afirmação de Ricoeur, explicitando que a partir da leitura de Freud *re-situou* o seu problema inicial da culpabilidade.
4. em quarto e último lugar, aquilo que, à falta de outra designação, classifico como *vivência democrática na leitura dos textos*, expressão com que pretendo significar que, seja qual for a amplitude entre a minha posição e a posição do outro, a atitude preconizada pelo *Conflito de Interpretações* é a de escutar abertamente a posição alheia na sua especificidade e na sua irredutabilidade, sem qualquer laivo de sobranceria ou de superioridade.

Em resumo, o *Conflito de Interpretações* assenta na ideia de que o choque de posições teóricas antagónicas e o conflito de perspectivas dele decorrente fazem ver mais fundo uma problemática, por a permitirem focar de pontos de vista não só diferentes, mas alternativos, sendo na direcção desse *ver mais fundo e melhor* sobre uma problemática que ele deve ser exercido.

Nesse contexto, a prática reflexiva decorrente do exercício efectivo do *Conflito de Interpretações* supõe dois momentos essenciais:

1. o momento da *escuta do outro*, correspondendo à exploração do antagonismo interpretativo, onde cada hermenêutica é analisada na sua especificidade própria e apresentada no seu quadro teórico e conclusivo;
2. o momento do exercício do *diálogo possível*, ou momento *dialéctico*, no qual se evidencia, por um lado, o carácter unilateral das hermenêuticas rivais em análise e, por outro, se tenta desenhar uma posição que, não sendo uma síntese superadora, à maneira de Hegel, é, todavia, uma *figura composta*, onde se releva que a *composição* das duas hermenêuticas rivais - em que uma se deixa ler através da outra ou com a outra - permite uma visão mais completa e profunda do tema ou do problema em questão[x].

A finalidade hermenêutica do Conflito de Interpretações

O conjunto das obras de Paul Ricoeur resulta do exercício efectivo desta posição epistemológica. De facto, os seus textos são construídos no sentido da busca de compreensão dos temas a que estão adstritos, através de um processo hermenêutico, para o qual são convocadas

posições rivais, quer da história da filosofia, quer da coetaneidade, e a partir de cujo confronto Ricoeur vai extraindo conclusões com as quais tece as suas próprias posições.

Para além da obra sobre Freud, onde se configura substantivamente, de entre os trabalhos ricoeurianos relevaria, como exemplos mais paradigmáticos desta prática epistemológica, a trilogia *Temps et récit*[xi] e a obra já referida *Soi-même comme un autre*.

Em *Temps et récit*, Paul Ricoeur procura mostrar, por um lado, como a historiografia se compreende melhor a si mesma se se deixar instruir pela narrativa de ficção e, reciprocamente, como a narrativa ficcional se enriquece com as categorias da historiografia; por outro, como ambas, a historiografia e a ficção, representam uma mediação fundamental no aprofundamento da questão da temporalidade que, tal como o mal, constitui uma fronteira que a racionalidade humana, na sua constitutiva finitude, não consegue transpor, directamente.

Em *Soi-même comme un autre*, é a natureza da identidade da subjectividade humana que está no cerne da análise e do debate; para pensar esta questão, Paul Ricoeur desenvolve um conjunto de dez estudos em que, paulatinamente, vai confrontando duas hermenêuticas rivais: a que releva da tradição de uma filosofia reflexiva, que toma o sujeito como problemática significativa, e a que decorre da filosofia analítica, de tradição anglo-saxónica, centrada na problemática da linguagem. A sua finalidade, di-lo ele, é ocupar um espaço "que se encontre equidistante de uma apologia do *Cogito* e da sua destituição"[xii].

O percurso realizado nesta obra não quer mostrar a supremacia de nenhuma das posições envolvidas no debate, mas tão-só pôr em evidência que cada uma delas vai mais longe nas suas interpretações, se se deixar interpelar pela outra, e que a exploração dialéctica do seu conflito interpretativo permite continuar a insistir na compreensão da natureza da subjectividade humana, mesmo que seja para reconhecer que ela está, irremediavelmente, balanceada entre o si-mesmo e a alteridade.

Esta posição epistemológica de Ricoeur, assente na exploração da fecundidade do confronto de perspectivas rivais, já funcionava nos seus trabalhos anteriormente à elaboração da própria ideia de *Conflito Interpretativo*. O caso mais flagrante dessa prática corresponde à estratégia de *diagnóstico* que desenvolveu na sua primeira grande obra filosófica - *Le volontaire et l'involontaire*, de 1950.

Esta obra tenta compreender como é que o determinismo, subsumido na ideia de involuntário, e a liberdade, sob a designação de voluntário, se comportam no interior do sujeito humano, nos processos de tomada de decisão. Isto é, procura esclarecer quando cada um diz *eu quero, eu decido*, o que é que nessas expressões reflecte a espontaneidade da liberdade e os constrangimentos inerentes ao facto de sermos seres incarnados e não mera subjectividade atópica.

Embora nessa época e nessa obra Paul Ricoeur estivesse preocupado com os mecanismos internos determinadores da vontade e não com as circunstâncias históricas e culturais da acção em geral, como virá a acontecer depois, não quis, contudo, realizar a sua análise apenas confinado à consciência; quis, igualmente, assumir o corpo. Por isso, a compreensão que desenvolve do acto voluntário não se restringe aos dados fenomenológicos advenientes do plano estritamente transcendental, de costas voltadas para o conhecimento empírico sobre o corpo e sobre o psiquismo. Pelo contrário, Ricoeur convocou para a análise as posições científicas relevando daquele tipo de conhecimento e fê-las entrar, também, na compreensão do fenómeno da vontade, através do método do *diagnóstico*, criando um *lugar-fronteira* onde poderia reunir os elementos informativos, provenientes da fenomenologia pura da consciência e os que eram oriundos do campo objectivo do tratamento empírico do corpo. O *diagnóstico* representa, assim, a primeira figura da interpretação e o primeiro esboço de um confronto interpretativo. Correspondendo a uma reapropriação reflexiva dos dados das ciências empíricas, ele já denuncia a vontade ricoeuriana de explorar o confronto de pontos de vista para compreender mais profundamente as situações.

Numa imagem sugestiva, Mary Schaldenbrand classifica o exercício filosófico de Paul Ricoeur como uma *estratégia metafórica*[xiii]. Interpretando a sua sugestão, poder-se-ia dizer que, assim como a metáfora dá a ver novos sentidos e novas relações na realidade, por aproximar entre si campos semânticos divergentes, assim também Paul Ricoeur, ao aproximar posições teóricas heterogéneas, contribui para uma visão mais profunda das questões e das temáticas, pondo a descoberto novos caminhos de interpretação possíveis para elas.

No fundo, o *Conflito de Interpretações*, como posição epistemológica, embora tenha emergido do interior do reconhecimento dos limites da racionalidade, corresponde a uma profunda

vontade e confiança no sentido e nas possibilidades da razão que, quando se entrega, sem reservas, ao debate e à argumentação, atinge plataformas fecundas de compreensão da realidade.

É por esta perspectiva epistemológica e pelo valor que ela confere ao momento metodológico do exercício do pensar e da constituição do saber que a hermenêutica de Paul Ricoeur se contrapõe à perspectiva de Heidegger. Ricoeur chama ao seu percurso filosófico *via longa* em oposição ao que designa como *via curta* do pensamento heideggeriano, salientando que o seu próprio processo de pensar não quer fechar-se no enclausuramento estritamente filosófico, que considera estéril e historicamente deslocado, pretendendo, pelo contrário, entrar em debate com todo o processo de constituição cultural do saber[xiv]. No cerne da posição de Paul Ricoeur está a sua convicção de que a filosofia não começa a partir de si mesma. O trabalho filosófico só se realiza se a filosofia se abrir ao imenso mundo da não-filosofia, nomeadamente, ao discurso poético, não numa atitude indiscriminadora que misture filosofia e não-filosofia, mas sim no reconhecimento da existência e do valor próprio de outros tipos discursivos ou de outros *jogos de linguagem*, com os quais é necessário e fecundo dialogar.

O *Conflito de Interpretações*, ao mostrar o carácter unilateral de qualquer interpretação, postula, então, a necessidade epistemológica do estabelecimento de uma relação entre o próprio e o alheio, na procura do saber, revelando, por isso, que o *outro* é o caminho inevitável para a construção de uma verdade comum mais enriquecida.

Palavras finais

Gostaria de terminar como comecei, realçando a confiança de Ricoeur – que é também a minha – no poder e na riqueza da linguagem.

Numa entrevista emitida a 3 de Novembro de 1993, pela Radio Televisão Belga, Ricoeur escolhe como símbolo do seu filosofar o quadro de Rembrandt *Aristóteles contemplando um busto de Homero*. Essa escolha é ditada por uma série de razões ligadas a esta minha leitura do pensamento ricoeuriano, a partir da chave hermenêutica da *alteridade enquanto mediação irrecusável*. Saliento, apenas o aspecto que esteve em análise e que se prende com a ideia de Ricoeur de que a *filosofia* só pode exercer-se a partir do não-filosófico, se se quiser, da sua alteridade, que, no fundo, é a raiz que alimenta a figura epistemológica do Conflito de Interpretações;

Deixo a palavra a Paul Ricoeur:

> "(...) haverá sempre uma palavra poética, haverá sempre uma reflexão filosófica sobre essa palavra poética e um pensamento político capaz para os reunir a ambos.
>
> Dito de outra maneira: a minha esperança está na linguagem; a esperança de que haja sempre poetas, de que haja sempre pessoas para reflectir sobre eles e de que haja pessoas para querer politicamente que essa palavra, que essa filosofia da poesia, produza uma política.
>
> É que eu diria que a minha aposta tem a figura da esperança."[xv]

---

[i] Para compreender, na totalidade do seu sentido, o compromisso de Paul Ricoeur, ver a obra de François DOSSE, *Paul Ricoeur. Les sens d'une vie*, Paris, La Découverte, 1997.
[ii] Paul Ricoeur, *Histoire et Vérité*, Paris, Seuil, 1955, 3ª edição aumentda, p. 9.
[iii] Cf. Paul RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, Paris, Seuil, 1990.
[iv] Cf., Françoise DASTUR, etc Greisch
[v] *Ibidem*, p. 14.
[vi] Paul RICOEUR, *La Symbolique du Mal*, Paris, Aubier-Montaigne, 1960.
[vii] Nota sobre o projecto da Filosofia da Vontade e sobre este momento preciso.
[viii] Paul RICOEUR, *De l'interprétation. Essai sur Freud*, Paris, Seuil, 1965.
[ix] "De la volonté à l'acte. Un entretien de Paul Ricoeur avec Carlos Oliveira", in C. BOULHINDHOMME e R. ROCHLITZ (orgs.) *Temps et récit de Paul Ricoeur en débat*, Paris, Les Editions du Cerf, 1990, p. 19.
[x] exame de consciência
[xi] Paul RICOEUR, *Temps et récit*,
[xii] Paul RICOEUR, *Soi-même comme un autre*, op. cit., p. 15.
[xiii] Mary SCHALDENBRAND, "Metaphoric imagination: kinship through conflict", in C.E. REAGAN (ed.), *Studies in the Philosophy of Paul Ricoeur*, Athens-Ohio, Ohio University Press, [2]1984, pp. 57-81.
[xiv] Pôr o texto de Ricoeur.
[xv] Pauk RICOEUR, *L'unique et le singulier*, Liège, Alice Editions, 1999, p. 72.